

Nova equipe faz Sarney apoiar Collor

23-12-89

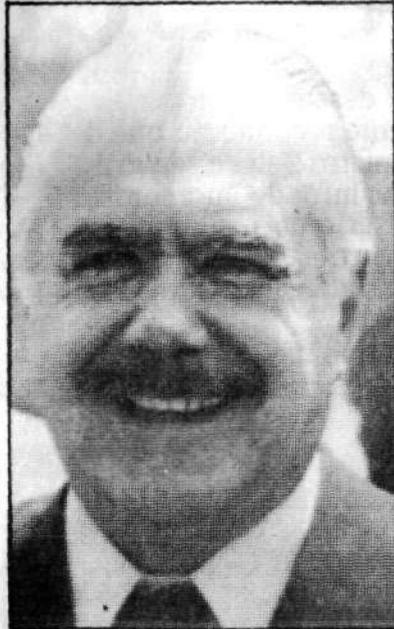
JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — Antes mesmo de saber da nomeação da ex-Ministra Dorothea Werneck e de outros colaboradores de seu Governo, o ex-Presidente Sarney declarou estar inclinado a dar apoio político ao Presidente Collor. Ao tomar conhecimento da indicação do nome do Embaixador Marcílio Marques Moreira para o Ministério da Economia, Sarney ligou para o articulador político do Governo, o Ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, para pedir que transmitisse ao Presidente seus cumprimentos pela escolha do sucessor da Ministra Zélia Cardoso de Mello.

— Eu agora me sinto mais à vontade para dizer que estou inclinado a apoiar o Presidente — informou Sarney a Passarinho, autorizando-o a repetir isso a Collor.

O Presidente, segundo o Ministro, ficou satisfeito com a posição de Sarney:

— No episódio da Ministra Zélia aconteceram dois fatos que



Sarney: cumprimentos a Collor

deixaram o Presidente muito satisfeito. O primeiro foi sem dúvida essa declaração do Presidente Sarney e o outro foi um telefonema, também por meu intermédio, do Deputado José Ser-

ra (PSDB-SP), elogiando a escolha do Ministro Marcílio Marques Moreira.

O Ministro da Justiça considerou o gesto do ex-Presidente “extremamente louvável” e afirmou que o eventual apoio de Sarney significa o apoio de bancadas:

— Sua condição de ex-Presidente lhe dá notoriedade impar no Congresso. E o Presidente Sarney exerce liderança de peso dentro e fora de seu partido.

Passarinho lembrou que Sarney abriu as portas para Collor poder apressar a execução do Programa de Estabilização Econômica, com providências administrativas indispensáveis, como a antecipação da indicação do Presidente do Banco Central e a decretação do feriado bancário.

O Ministro repele a tese de que a nomeação de quem serviu ao ex-Presidente significa a “sarneyização” do Governo Collor:

— Por esse raciocínio, os generais que comandaram o movimento militar fizeram uma “janguização”, pois todos foram promovidos pelo Presidente João Goulart.

Ex-Presidente otimista com futuro do País

HELOISA VILLELA
Correspondente

O Senador José Sarney (PMDB-AP) ficou no Brasil e para Nova York foi o ex-Presidente José Sarney, preocupado com as relações comerciais entre os Estados Unidos e, não só o Brasil, mas toda a América do Sul. A convite da Universidade Brown, ele desembarcou nos Estados Unidos para uma série de encontros, além da visita à Universidade de Rhode Island, que visitará hoje. Ontem, participou de almoço-seminário e foi homenageado à noite com jantar oferecido pelo Embaixador Carlos Augusto dos Santos Neves, a um seletto grupo de 12 pessoas.

Em seus discursos no exterior, o Senador tem falado da experiência do ex-Presidente,

evitando comentários a respeito dos últimos acontecimentos na política brasileira.

— Esse não é o meu papel e não seria ético — disse.

Mas Sarney não se recusou a fazer comentários sobre o futuro e sobre seu otimismo com relação ao País:

— Sou político e poeta, não deixo de acreditar no possível nem de sonhar com otimismo.

Relembrando as dificuldades que enfrentara na Presidência, Sarney disse que o País já passou pelo pior, sobrevivendo ao período de transição do autoritarismo para a democracia, mas ainda precisa de estabilidade econômica. Para ele, o Brasil não deve esperar investimentos externos, “enquanto houver instabilidade política,

inflação endêmica, legislação anacrônica e xenofobia”.

Sarney disse que após o abalo da Segunda Guerra, Europa e Japão ressurgiram e agora, com o fim da confrontação ideológica entre comunismo e capitalismo, novas áreas de expansão e investimento se abrem na Europa do Leste.

— Esses novos campos, sabemos, são nossos competidores — disse Sarney.

Para inverter esta situação, ele acredita que só há um caminho: a tendência do Mundo moderno é aprofundar a economia de conjuntos. O Brasil deu o primeiro passo nesta direção voltando-se para seus vizinhos com o acordo econômico firmado com a Argentina, em 1988. Para Sarney, a integração terá que ser ampliada e uma aproximação com os EUA deve ser o passo seguinte.